

PREFÁCIO

Daniel Silveira¹

Lilian Barbosa²

Monique Cruz³

Coletivo de Negras e Negros do Serviço Social da UFRJ Dona Ivone Lara

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados.

Eu era revoltada, não acreditava em ninguém.

Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre.

Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura.

Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

Carolina Maria de Jesus

O Coletivo de Negras e Negros do Serviço Social Dona Ivone Lara foi fundado em 2017 no contexto da luta pela implementação de ações afirmativas no Programa de Pós-graduação em Serviço Social (PPGSS) da UFRJ. O Coletivo surge a partir da conjunção de histórias de lutas de pessoas vindas de partidos políticos, do movimento estudantil e do movimento de favelas. Desde então, agregou em nome da continuidade da luta negra na universidade, pessoas negras não militantes que decidiram contribuir para a qualificação do debate racial no Serviço Social.

É com entusiasmo que escrevemos este prefácio, principalmente pela conjuntura política que nos permite reivindicar a democracia como possibilidade de luta pelo direito à vida (ainda em disputa). Mesmo que tenhamos sobrevivido à pandemia da Covid-19, vivenciamos mais uma crise do capital, com avanços do conservadorismo mundial, do negacionismo e, acima de tudo, da intensificação do racismo em suas diversas dimensões em todo o mundo. A existência de coletivos como o nosso, é acima de tudo uma luta pela vida e contra o epistemicídio (CARNEIRO, 2023), que mantém a hierarquia racial como paradigma da produção da ciência.

Assim, é importante criticar firmemente todas as expressões de discriminação e violência produzidas por uma estrutura social racista, com toda a atenção em relação ao modo particular como isto se ergueu no Brasil. É igualmente crucial ressaltar as micro, macro e históricas lutas do Movimento Negro de contestação da ordem capitalista patriarcal e racista e as conquistas antirracistas que são materializadas, seja em políticas públicas, seja em ações fora do âmbito da política institucional.

¹ Assistente Social, mestrando pelo PPGSS/UFRJ. Especialista em oncologia pelo Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). Integra a Coordenação do Preparatório Bete Leandro.

² Assistente Social, educadora popular, mestranda pelo PPGSS/UFRJ, especialista em movimentos sociais pelo PPDH/NEPP-DH UFRJ. Integra a Coordenação do Preparatório Bete Leandro.

³ Assistente Social formada pela ESS/UFRJ, mestre e doutoranda pelo PPGSS/UFRJ, membra do Grupo de Pesquisa Sociabilidades Urbanas, Espaço Público e Mediação de Conflitos (GPSEM), coordenadora do Programa Violência Institucional e Segurança Pública da Justiça Global. Integra a Coordenação do Preparatório Bete Leandro.

Exemplo disso tem sido o nosso Coletivo resgatando o nome de uma pioneira, tanto no samba quanto no Serviço Social - da primeira geração de profissionais, que, na área da saúde mental, propôs, com Nise da Silveira⁴, um diálogo com a arte através da musicoterapia. Ivone Lara da Costa (Dona Ivone Lara) foi a primeira mulher compositora de samba-enredo, que, com inúmeras composições e interpretações brilhantes, marcou o samba brasileiro para sempre. Com essa inspiração para nos posicionar politicamente em torno de nossas demandas e conquistar avanços efetivos, consolidamos um movimento social autônomo e forte dentro da Escola de Serviço Social da UFRJ, superando o temor dos racistas: pessoas negras não são emoção apenas, são intelecto e resistência (FANON, 2008).

Hoje sabemos que o papel atribuído ao racismo na fundação do capitalismo permite que ele se estabeleça e se fortaleça com a superexploração da força de trabalho na divisão racial e sexual do trabalho e nas suas diversas formas de intensificar suas contradições. Nesse sentido, quando elaboramos sobre a obra que chega às suas mãos, pessoa leitora, não podemos ignorar as lutas vivenciadas nos últimos anos na universidade, principalmente na Escola de Serviço Social, que retoma suas atividades presenciais neste ano de 2023 e que tem nesses capítulos a expressão dessas lutas.

O Coletivo Dona Ivone Lara atua na universidade para fortalecer as políticas afirmativas, para o apoio mútuo entre estudantes e para as pessoas negras que querem avançar em sua vida acadêmica, ou na vida política, em geral. Assim, contribuímos para que essas pessoas possam aprofundar seus conhecimentos teórico-práticos sobre como o racismo, o sexismo, e as discriminações de classe implicam na exploração do trabalho, dos corpos e da natureza.

Com esses objetivos, após a fundação do coletivo em 2017 foram criados grupos de trabalho, incluindo um grupo de estudos para formação política. E, em 2019, o Curso Preparatório para Mestrado em Serviço Social Bete Leandro destinado a pessoas negras que está em sua quinta turma. Essa iniciativa colaborou para que dezenas de assistentes sociais acessassem cursos de pós-graduação, em especial no mestrado, não só no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da nossa Escola, mas em outras instituições.

O nome do preparatório é uma homenagem à nossa colega Elisabete Amorim Leandro que faleceu em 2019 antes de terminar o mestrado no PPGSS. Bete, mesmo depois de ser aprovada em outros anos na seleção de mestrado, não conseguiu cumprir esta etapa. E esse acesso só foi possível com as políticas de ações afirmativas implementadas no Programa, após anos de luta das/os estudantes e professoras/os negras/os e aliadas/os brancas/os.

Ao longo dos últimos anos aconteceram perdas históricas para a classe trabalhadora e como a história evidencia, impactando com intensidade as populações não-brancas. Com a pandemia de Covid-19, uma nova dinâmica nos exigiu adaptações e reorganização das formas de nos relacionarmos. A política de morte, encarceramento, não acesso à saúde de forma integral, desumanização, historicamente imposta, foi aprofundada. Isso nos impõe refletir sobre o que está para além da aparência nos dados da realidade, que, para nós, pessoas negras brasileiras, tem sido brutal.

⁴ Cf.: Nise da Silveira: Vida e Obra. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/uma-psiquiatra-rebelde.php>. Acesso em: 07 jul. 2023.

Esta obra, cara pessoa leitora, está eivada de bons e profundos debates que nos levam por um caminho estabelecido a partir das contradições que nos são impostas na sociedade capitalista e que atingem sobremaneira as pessoas negras, LGBTQIAPN+ e aos povos originários em todo o mundo.

Segmentos populacionais têm sido expropriados ao longo dos séculos pelo capitalismo, que sofisticou suas formas de exploração, reverberando em violências que tratam, inclusive, do controle patriarcal que submete os corpos, as expressões de gênero e na imposição do arcabouço político-teórico-prático da heterossexualidade. Esta última, imprime, inclusive, formas de existir das sujeitas/os, questões que precisam balizar a elaboração, implementação e avaliação das políticas públicas, como também apontam alguns dos capítulos deste livro.

Sendo assim podemos falar que as análises apresentadas em cada capítulo são frutos da diversidade que representa a complexidade de como o racismo e o sexismo patriarcal se manifestam no capitalismo contemporâneo, no qual a população branca continua a manter e fortalecer seus privilégios. Cida Bento (2022) chama esse processo de pacto narcísico da branquitude, que podemos ver explicitado nas categorias raça, classe, território, gênero, correlacionando-os com conceitos de interseccionalidade (BILGE e COLLINS, 2021), consubstancialidade, do pensamento marxiano e decolonial, assim como fazem as/os autoras/es deste livro.

Considerando que somos um coletivo de pessoas negras, composto em sua maioria por mulheres, reforçamos a importância dessa obra que desvenda a dinâmica das estruturas de gênero, raça e classe no Brasil, principalmente num contexto da história recente em que se vivenciou uma pandemia e reconhecendo seus efeitos, ainda presentes, sobre o agravamento das condições de vida da população negra brasileira, particularmente das mulheres negras. Uma boa parte dos capítulos deste livro colabora para uma análise sobre as iniquidades raciais que atingem as mulheres negras na tríplice discriminação, já apontada por Lélia Gonzalez (2018), relacionando-as com o Serviço Social.

Nos textos sobre violência contra as mulheres, percebe-se que as vulnerabilidades impostas em suas vidas, se estabelecem articulando raça, classe, gênero, mas também territorialidade, origem, demonstrando como as expressões da “questão social” atingem sobremaneira mulheres negras que estão em territórios vulnerabilizados e violentados, pelo Estado ou com sua anuência. Uma das autoras confronta duas importantes categorias de análise para tratar dessas questões quando aborda a violência doméstica sofrida pelas mulheres negras em um município da Baixada Fluminense (RJ). Outra autora analisa se o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) têm incorporado os debates sobre raça e gênero, alcançando as equipes de outro município do mesmo Estado.

O governo de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) aparece como contexto analítico em alguns textos deste livro. É importante que registremos que este foi um período de retrocesso em vários pontos, inclusive, em termos de políticas públicas de enfrentamento a problemas que tem, inevitavelmente, sua raiz em questões estruturais da sociedade, geradoras de desigualdades e outras formas de violência. Tivemos derrotas no campo da questão racial e de gênero, já que o ex-presidente, desde o início de sua vida política, se mostrou como grande opositor das pautas do Movimento Negro, do feminista e daqueles que en-

volvem o avanço dos direitos humanos em geral, incluindo a saudação de torturadores publicamente⁵.

Para além dos muros da nossa universidade, localizada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, o Coletivo Dona Ivone Lara, que é composto por pessoas que vivem em favelas, subúrbios e periferias, entende como fundamental ampliar o alcance do conhecimento científico antirracista, levando-os para as regiões de onde viemos em um movimento dialético que considera o chão da vida como importantes elementos do conhecimento.

Efetivamente, para destruir as estruturas que sustentam o racismo, dentro de uma perspectiva marxiana, são elementares as ações políticas e educativas que considerem o processo de tomada de consciência revolucionária, e a organização política da massa negra brasileira e dos brancos antirracistas, em curso no país há pelo menos cinco séculos, como registra a história do Quilombo de Palmares.

Abordar as Mulheres Negras em Luta e Afirmando Vidas Negras é afirmar a capacidade de politização, organização, resistência e luta por direitos empreendidas por pessoas negras. Outro capítulo do livro, nos lembra que, até por meio das artes marciais, essas pessoas criaram formas de se defender da violência racista, instituindo mais uma manifestação cultural afro-brasileira que, em embate contra a discriminação e perseguição da branquitude, sobreviveram, se afirmaram e resistem no país, dando corpo a um dos esportes mais conhecidos do mundo, a capoeira.

Impossível discutir todos as expressões da “questão social” e seus enfrentamentos sem destacar que o Brasil carrega em sua formação social uma participação elementar de negras e negros. Seja com as tecnologias trazidas de África, seja pela força de trabalho que imprimiu a riqueza como marca desse país, seja no seu lugar de “problema” mobilizado pela branquitude eugênica fortalecida no pensamento social brasileiro através de suas instituições de ciência (SCHWARCZ, 1993; GÓES, 2018).

Vivemos um momento em que novas nuances do debate acadêmico no Serviço Social visam problematizar tais expressões em nossos espaços ocupacionais. Um exemplo deste debate é o caso das discussões sobre as abordagens racistas e persecutórias no esporte que o jogador Vinícius Júnior⁶ tem sofrido nos campos de futebol da Europa. Este fato ocorre com frequência com outros jogadores de futebol negros em toda parte do mundo. A história do racismo no futebol, e em outros esportes de alto rendimento, se explicita no trato público das pessoas negras, e reverberam impactos inclusive na vida das/os atletas fora de seu campo profissional.

Assim como a população negra brasileira fez com a capoeira, a resignificação dos símbolos racistas também é uma forma de enfrentar as violências geradas por ele. A grande massa se reinventa, assim como o povo brasileiro que segue em luta contra o racismo resignificando cotidianamente as violências que sofre.

⁵ Bolsonaro exalta Ustra na votação do Impeachment. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xiAZn7bUC8A>. Acesso em: 05 jul.2023.

⁶ Jogador nascido em São Gonçalo, que vive mais uma, entre tantas histórias de pessoas negras, que, como profissionais do esporte, saíram de uma situação de pobreza e alcançaram sucesso e fama, melhorando suas condições de vida e da família.

Referências

BENTO, Maria Aparecida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GÓES, Weber Lopes. **Racismo e eugenia no pensamento conservador brasileiro**: a proposta de povo em Renato Kehl. São Paulo: Liber Ars, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as Rosas Negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Filhos da África, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.